



**SERVIÇO PÚBLICO FEDERAL
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
CAMPUS UNIVERSITÁRIO DO TOCANTINS/CAMETÁ
FACULDADE DE LINGUAGEM
LETRAS LINGUA INGLESA**

LUIZ ANTÔNIO PEREIRA LIMA NETO

**A EXALTAÇÃO DA BELEZA E DA JUVENTUDE EM O
RETRATO DE DORIAN GRAY: VAIDADE E DESTRUÇÃO**

Cametá – PA
2017

LUIZ ANTÔNIO PEREIRA LIMA NETO

**A EXALTAÇÃO DA BELEZA E DA JUVENTUDE EM O
RETRATO DE DORIAN GRAY: VAIDADE E DESTRUÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso
apresentado à Universidade Federal
do Pará- UFPA Campus Universitário
do Tocantins/Cametá, Faculdade de
linguagem, como requisito para
obtenção do grau de Licenciatura
Plena em Letras com habilitação em
Língua Inglesa sob a orientação do
Prof. Dr. Dante Luiz de Lima

Cametá – PA
2017

LUIZ ANTÔNIO PEREIRA LIMA NETO

**A EXALTAÇÃO DA BELEZA E DA JUVENTUDE EM O
RETRATO DE DORIAN GRAY: VAIDADE E DESTRUIÇÃO**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciado Pleno em Letras – Habilitação em Língua Inglesa, da Universidade Federal do Pará, Campus Universitário do Tocantins/Cametá.

BANCA EXAMINADORA.

Prof. Prof. Dr. Dante Luiz de Lima
Universidade Federal do Pará – FALIN/CUNTINS
(Presidente)

Prof^a. Esp. Regiane Farias Neves
Universidade Federal do Pará – PPGEDUC/UFPA
(Avaliadora)

Conceito: _____

Data de Aprovação: 10/02/2017

Dedico este trabalho a quem todas as bênçãos nos dá todos os dias: a Deus. Além de todos que me ajudaram. Dedico à minha família que me fortalece. A todos os meus amigos pelos momentos bons. Aos professores que me ensinaram e ao meu orientador Prof. Dr. Dante Luiz de Lima pela ajuda e incentivo.

“A vaidade enlouquece. A revolta dificulta. A dor regenera. A facilidade perturba. O trabalho educa. A humildade eleva sempre”.

***(Espírito: Emmanuel
Médium: Chico Xavier)***

AGRADECIMENTOS

Meus sinceros agradecimentos a todos que de alguma maneira contribuíram para a idealização, desenvolvimento, e finalização deste trabalho de conclusão de curso:

A Deus, primeiramente, agradeço pela vida, saúde, bênçãos e forças. Aos meus anjos e guias protetores que sempre guiaram meus passos no melhor caminho a percorrer. Agradeço, principalmente, a minha família visto que é nosso bem mais precioso, por que apesar dos problemas sempre estarão ao nosso lado. Gratidão ao meu pai André Luiz e minha mãe Lucimar por sempre me proporcionarem condições de vida para poder me dedicar aos estudos. Agradeço a minha irmã Maria Luiza por ter me despertado o amor pelos livros, principalmente, pelo livro tema desse trabalho além de também ter me ajudado com material de pesquisa e conselhos importantes. À minha irmã Iolanda Cristina que sempre me apoiou, e também, as minhas sobrinhas Helena e Catarina de modo que sempre me trazem alegria. Sem esquecer dos meus tios, tias, avôs, avós e a todos os antepassados, pois construíram os caminhos para que eu pudesse chegar até aqui.

Agradeço pelas dicas importantes e ajuda na finalização deste trabalho à Samara, Érika e Ana Cléia. Aos meus amigos pelo companheirismo, citando novamente Samara, além de Adriano e Kelton que desde o começo estavam ao meu lado na sala de aula e também fora dela. À Simone, Elma, Cláudia, Meire, Mariana e Sirlene, agradeço além da amizade o interesse e incentivo por esse trabalho. Aos demais amigos e colegas, sou grato pela convivência e ajuda em muitos momentos.

Agradeço aos professores pelo conhecimento adquirido. E finalmente, mas não menos importante ao meu amigo, professor e orientador Prof. Dr. Dante Luiz de Lima pela amizade além do incentivo em fazer o curso da graduação e pela motivação, paciência e ajuda constante ao longo desse trabalho. Muito obrigado e que Deus abençoe a todos.

RESUMO

O objetivo desse trabalho é questionar como a vaidade e a valorização da beleza e da juventude movem os personagens principais do livro *O retrato de Dorian Gray* (2014), do escritor Oscar Wilde. Analisamos neste trabalho como Dorian Gray é influenciado pelos personagens da trama, com quem aparentemente têm relacionamentos homoafetivos platônicos. São eles: o pintor de seu retrato, Basil Hallward e o aristocrata Lorde Henry Wotton, que o estimula a exaltar e valorizar a beleza e a juventude, deste modo, Dorian faz um pacto com forças ocultas, para que o seu quadro envelheça em seu lugar e receba as marcas de seus atos cruéis. Não sendo punido por suas ações o jovem vive uma vida de excessos e prazeres que causam consequências para ele mesmo, pois em determinado momento ele se sente arrependido, por outro lado, também afetam as pessoas ao seu redor porque muitas delas acabam desoladas, abandonadas e até mortas. Para tal análise, também conceituamos como a beleza e a juventude são vistas na mitologia da Grécia e Roma antiga e na Inglaterra vitoriana, período em que ocorre a trama do romance.

PALAVRAS-CHAVE: Dorian Gray. Oscar Wilde. Beleza. Vaidade. Punição.

ABSTRACT

The aim of this work is to question how the vanity and appreciation of beauty and youth move the main characters in Oscar Wilde's *The Portrait of Dorian Gray* (2014). We analyze in this work how Dorian Gray is influenced by the personages of the plot, with whom apparently they have homoafetivos platonic relationships. They are: the painter of his portrait, Basil Hallward and the aristocrat Lord Henry Wotton, who encourages him to exalt and enhance beauty and youth, so Dorian makes a pact with occult forces, so that his frame ages in his Place and receive the marks of their cruel acts. Not being punished for his actions the young man lives a life of excesses and pleasures that cause consequences for himself, for at one point he feels sorry, on the other hand, they also affect the people around him because many of them end up desolate, abandoned and Even dead. For this analysis we also conceptualize how beauty and youth are seen in the mythology of ancient Greece and Rome and in Victorian England, period when the of the novel occurs.

KEYWORDS: Dorian Gray. Oscar Wilde. Beauty. Vanity; Punishment.

Lista de imagens

Figura 1 O anjo do mal	17
Figura 2 São Wolfgang e o Diabo.....	18
Figura 3 Zeus e Ganimedes	20
Figura 4 O retrato de Oscar Wilde	23
Figura 5 Filme: O Retrato de Dorian Gray	29
Figura 6 Caravaggio – Narciso.....	30
Figura 7 Adônis.....	33
Figura 8 O quadro transformado.....	40

Sumário

INTRODUÇÃO	12
CAPITULO 1	15
1. VAIDADE: A ADORAÇÃO E O DESEJO PELA BELEZA E JUVENTUDE ATRAVÉS DOS TEMPOS	15
1.1. QUEM AMA O FEIO, BONITO LHE PARECE	15
1.2. A BELEZA NA MITOLOGIA.....	18
1.3. VAIDADE E PRAZER MASCULINO: DANDISMO E HEDONISMO	21
CAPITULO 2	26
2. A BELEZA E SUA MALDIÇÃO EM O RETRATO DE DORIAN GRAY (2014)	26
2.1. A SEDUTORA E PERVERSA BELEZA DE DORIAN GRAY	26
2.2. ADÔNIS E NARCISO, DOIS PERSONAGENS EM UM ÚNICO DORIAN GRAY	29
2.3. FORÇAS OCULTAS E LORD HENRY	34
2.4. O PACTO “DIABÓLICO”	37
2.5. ARREPENDIMENTO E PUNIÇÃO	41
CONSIDERAÇÕES FINAIS	46
REFERÊNCIAS	48
APÊNDICE	50
APÊNDICE A Paper	50

INTRODUÇÃO

O Presente trabalho de conclusão de curso tem a finalidade de analisar o romance *O Retrato de Dorian Gray* (2014) do escritor irlandês Oscar Fingall O'Flahertie Wills Wilde, conhecido mundialmente como Oscar Wilde, nascido em Dublin, no dia 15 de outubro de 1855, tendo vivido na Inglaterra a maior parte da sua vida e vindo a falecer em Paris, no dia 30 de novembro de 1900. Considerado um dos grandes escritores e dramaturgo do século XIX sua obra em questão reflete, quase bibliograficamente, sua vida pessoal em busca dos prazeres e da beleza, principalmente em seu personagem principal, Dorian Gray que será o foco do nosso trabalho.

A busca e idolatria da beleza e da juventude, serão os temas norteadores do nosso trabalho, e são justamente eles que movem o mundo dos nossos personagens. Lorde Henry Wotton desperta em Dorian Gray uma sede de prazeres e juventude infinita que o levam, inconscientemente, a fazer um pacto com forças desconhecidas, fazendo com que o seu retrato pintado por seu amigo Basil Hallward, envelhecesse em seu lugar, tornando Dorian eternamente jovem e belo. Os três personagens acima, além de gerações diferentes, têm uma relação homoafetiva, aparentemente platônica, que também serão abordadas. Além disso, a vaidade e a busca pelos prazeres de Dorian Gray têm consequências sérias para as pessoas ao seu redor, porém seus atos cruéis não o afetam, mas sim se tornam marcas horrorosas em sua imagem eternizada no quadro. Porém, em um determinado momento sua culpa e remorso, por prejudicar as pessoas ao seu redor, recaem sobre ele, e assim terá que arcar com seus atos e pecados.

O trabalho visa responder: como a beleza e a juventude são vistas dentro do romance. O que a busca excessiva pela beleza, juventude e os prazeres podem causar de mau para quem a idealiza e para as pessoas afetadas por essa busca. O que esse desejo de Dorian Gray permanecer sempre jovem e belo pode causar a ele mesmo e aos seus conhecidos. E se existe arrependimento por parte de nosso personagem.

Temos como objetivo principal analisar o romance *O retrato de Dorian Gray* (2014) e refletir sobre a valorização da beleza e da juventude dos seus personagens, focando nas consequências causadas por uma vida de exageros.

Como objetivo secundário, analisamos como a beleza e a juventude masculina é idolatrada e valorizada na Grécia e Roma antiga e na Inglaterra dos séculos XVII e XIX.

Metodologicamente adotamos o tipo de pesquisa de cunho bibliográfico para analisar o romance e para tal, utilizamos livros e artigos de diversas áreas que tratassem da vaidade, beleza e também das relações homoafetivas. Para isso, fizemos fichamentos dos principais conteúdos a serem explorados. Nos baseamos em autores como Oscar Wilde, em seu livro tema do presente trabalho, e também em seu livro autobiográfico *De profundis* (1982), em que o escritor reflete sobre sua relação homossexual que o levou à prisão, além de refletir sobre sua vida em busca dos prazeres pessoais. Utilizamos O livro *Sexo e religião* (2014) de Dag Onstein Endsjo para conhecermos sobre a valorização da beleza e o amor entre jovem mortais e Deuses. Além de, *A história da beleza* (2014) de Humberto Eco para conceituarmos o belo e sabermos mais sobre os dândis e hedonistas, homens que valorizavam a aparência, a vestimenta e os prazeres da vida. Além de artigos que deram fundamento para as nossas teorias sobre o universo de Oscar Wilde, como *O fenômeno do duplo em o Retrato de Dorian Gray, de Oscar Wilde* (2012) de Alcione Gonçalves e também do autor Daniel Barbo em *Balzac, Wilde e a cultura grega: construções literárias de identidades homoeróticas no século XIX* (2010), entre outros autores.

Nosso trabalho foi dividido em Introdução, capítulo 1, capítulo 2 e considerações finais. No primeiro capítulo, conceituamos o adjetivo belo e como ele é relacionado com a bondade, para isso nos valem dos personagens bíblicos Jesus e Diabo. Ao falarmos da beleza masculina e as relações homoafetivas utilizaremos exemplos da mitologia na Grécia e Roma antiga até chegarmos à Inglaterra vitoriana, onde dissertaremos sobre a valorização da vestimenta e dos prazeres masculinos, utilizando como exemplo o autor Oscar Wilde.

No segundo capítulo, analisamos a obra *O Retrato de Dorian Gray* (2014) e como a busca pelos prazeres e pela vaidade influenciam e trazem consequências para quem as idolatra excessivamente. Trataremos também do pacto com forças ocultas e como Dorian Gray o utiliza para conseguir sua beleza e juventude infinita. Percorreremos sobre a vida de excessos de nossos personagens, chegando ao arrependimento e culpa de Dorian e sua tentativa de encobrir seu passado.

Ao término desse trabalho, consideramos, finalmente, se os nossos objetivos foram alcançados, além de analisamos se conseguimos responder nossas perguntas e questionamentos em torno da valorização da beleza e juventude e as consequências para quem as busca de forma exagerada.

CAPITULO 1

1. VAIDADE: A ADORAÇÃO E O DESEJO PELA BELEZA E JUVENTUDE ATRAVÉS DOS TEMPOS

“Quem possui a faculdade de ver a beleza não envelhece”. (Franz Kafka)

Como o intuito deste trabalho é averiguar o impacto da beleza e da vaidade no romance *O retrato de Dorian Gray (2014)*, achamos pertinente neste primeiro capítulo, evidenciar a associação entre bondade e beleza e a feiura com a maldade. Para tal, nos valeremos dos personagens bíblicos Jesus e o Diabo. Também falaremos sobre a importância da beleza na Grécia antiga e na sua mitologia, não somente, mas principalmente, nas relações homoeróticas entre homens mais velhos, que se deixavam sucumbir, sobretudo, pela beleza dos mais jovens. O romance de Oscar Wilde também envereda por este caminho, certamente de uma forma mais sutil, devido ao fato de ter sido escrito em uma época bastante conservadora, na qual, perante a lei, as relações homo afetivas eram passíveis de prisão.

Dissertaremos também sobre o dandismo, uma das feições da vaidade. Também discorreremos sobre o hedonismo, a busca pelos prazeres, e suas relações com o autor do romance. Finalizaremos o capítulo analisando a relação entre os personagens Dorian Gray, Basil Hallward e Lorde Henry Wotton com o escritor Oscar Wilde afim de que se analise a relação autobiográfica presente na obra.

1.1. QUEM AMA O FEIO, BONITO LHE PARECE

Devido ao fato de o tema central do nosso trabalho ser a beleza e a vaidade, achamos importante nesse tópico conceituar a palavra belo. Para tal, utilizaremos a citação de Umberto Eco, retirada do livro *História da beleza (2014)*:

“Belo” – junto com “gracioso”, “bonito” ou sublime”, “maravilhoso”, “soberbo” e expressões similares – é um adjetivo que usamos frequentemente para indicar algo que nos agrada. Parece que nesse sentido, aquilo que é belo é igual àquilo que é bom e, de fato, em diversas épocas históricas criou-se um laço estreito entre o Belo e o Bom (ECO, 2014, p 9).

De acordo com a definição dada por Eco, belo pode ser usado para relacionar ao que nos agrada, também a algo bom. Comumente ao elogiarmos a personalidade de alguma pessoa dizemos que ela é linda. Neste caso, usamos um adjetivo geralmente relacionado ao físico para algo não concreto, para descrever a índole. Desta forma, relacionamos sentimentos que nos agradam à beleza.

Partindo deste mesmo princípio, nos remetemos ao personagem bíblico Jesus Cristo, que apesar de ser conhecido por nós como uma pessoa bonita, foi definido na bíblia como um homem sem grandes atrativos, como percebemos na citação retirada da *Nova Bíblia Pastoral* (2015): “Ele não tinha aparência nem beleza para atrair nosso olhar, nem simpatia para que pudéssemos apreciá-lo” (Is 53,2-3). Apesar de Jesus não ser descrito como uma pessoa formosa, por ter sido uma pessoa boa e, talvez, para atrair mais seguidores, posteriormente, foi retratado pela grande maioria dos artistas com grande beleza, geralmente loiro e de olhos azuis, portanto, uma feição que agrada a maioria das pessoas, por conseguinte, o belo foi relacionado com o bom.

Em contrapartida fazemos a associação da feiura com algo ruim, ao que nos desagradam. De modo que usaremos como exemplo o personagem também bíblico, o Diabo, que geralmente é imaginado pelas pessoas como uma criatura feia e relacionada ao mal. Entretanto, ele é descrito nas escrituras como sendo o anjo mais bonito do céu, conforme narrado no livro de Ezequiel:

Assim diz o senhor Javé: Você era um modelo de perfeição, cheio de sabedoria e beleza perfeita. Você morava em Éden, no jardim de Deus, coberto de pedras preciosas de todas as espécies: rubi, topázio, diamante, crisólito, cornalina, jaspe, lápis-lazúli, turquesa e berilo. E de ouro eram trabalhados seus pingentes e joias. Tudo isso lhe vinha sendo preparado desde o dia de sua criação. Fiz de você um protetor de asas abertas. Você ficava na alta montanha de Deus, passeando entre pedras de fogo. Desde que foi criado, você era perfeito em todos os seus passos, até que se encontrou a maldade em você. (Ez 28,12-15).

Percebemos que ele é definido como sendo perfeito, bonito e adornado com joias, diferentemente da figura horrenda e maligna que conhecemos hoje. Apesar dessa transformação em sua estética, ainda encontramos imagens desse

diabo belo, como podemos perceber a seguir em uma estátua do artista *Joseph Geefs*:

Figura 1 O anjo do mal



Fonte: http://www.wikiwand.com/en/Le_g%C3%A9nie_du_mal

Na figura acima, podemos contemplar Lúcifer, como também é denominado. Esculpido atraentemente como um lindo anjo com seus músculos definidos, todavia está derrotado, pois o vemos acorrentado, com sua coroa e cetro, símbolos de realeza, agora quebrados, e aos seus pés uma maçã, de modo que simboliza o pecado inicial de Adão e Eva. Porém, mesmo com toda essa beleza e perfeição, o Diabo se rebela contra seu criador, Deus, e, assim, torna-se o princípio de todo o mal da humanidade e, conseqüentemente, perde seu lugar de destaque, passando, assim, a habitar o inferno.

Ao ser expulso do céu, Satanás teve sua descrição invertida pelos humanos, tornando-se, como é conhecido por nós, um ser monstruoso e repugnante, como é retratado em um quadro de *Michael Pacher*.

Figura 2 São Wolfgang e o Diabo.



Fonte: <https://tendimag.com/2013/05/01/convencer-o-diabo/>

Nesse quadro podemos presenciar uma estética frequentemente vista por nós, o Diabo é retratado como uma criatura horrorosa e esquelética, mostrando seu lado animalesco com patas, rabo e até chifres.

Por ter sido relacionado com a maldade, o diabo foi ao longo dos séculos adquirindo características medonhas, tornando-se cada vez mais temido e renegado pela maioria dos seres humanos. Por outro lado, Jesus Cristo, citado anteriormente, por ser bom se tornou atraente e é adorado e amado.

O belo e o feio têm essas peculiaridades e preconceitos, o primeiro atrai e é endeusado e o segundo repele e é desprezado. Todavia, podemos amar alguém mesmo que essa pessoa não seja bela fisicamente, porém, o contrário também pode ser verdadeiro, podemos não nos sentir interessados por alguém considerado atraente, portanto, a beleza está muitas vezes nos olhos de quem a vê.

1.2 A BELEZA NA MITOLOGIA

A beleza é valorizada desde os tempos remotos, particularmente, na Grécia antiga, época em que ela é adorada e cultuada, de modo que um dos personagens femininos, cuja beleza é lembrada até os dias atuais, é Helena de Troia, a princesa que fora disputada por um cento de homens atraídos por sua

formosura. Afim de entendermos melhor sua história retiramos uma breve explicação da *Enciclopédia Mitologia* (1976):

Os olhos de Helena, princesa de Esparta, são como duas estrelas perpetuamente cintilantes. A pele branca e macia assemelha-se a uma flor estranha, jamais colhida ou tocada. A boca perfeita emite uma voz melodiosa como o canto. E o corpo esguio parece obra de um deus-escultor, que, num momento de paixão pelo ser humano, tivesse decidido contemplar os homens com uma beleza maior. Todos os príncipes da Grécia desejam esposar a filha de Tíndaro. O fascínio da jovem enlouquece os corações. Os pretendentes aglomeram-se ante o palácio de Esparta. Tíndaro já não sabe como agir: noventa e nove homens enamorados aguardam a resposta de uma só mulher. E, em seu ardor, podem deflagrar uma guerra. Entre os candidatos à mão de Helena está Ulisses, o herói inteligente. [...] O próprio Tíndaro resolve entregar a filha a Menelau, guerreiro do Calidão, filho adotivo e sobrinho de seu amigo Atreu. Feliz o jovem agradece comovidamente ao sogro. O amor pela princesa mais bonita da Grécia devora-lhe a alma virgem, E faz parecer longa demais a cerimônia de bodas. [...] Os jovens esposos, amam-se sobre a relva úmida e nem percebem a madrugada que estende seu manto pelo mundo. (S/A 1976, p. 633).

Helena é descrita como possuidora de uma beleza superior, como se tivesse sido criada por um deus. Sua formosura atraía inúmeros pretendentes que ficavam enlouquecidos por sua incomum figura. Mas somente ao príncipe Menelau é dado o prazer de possuí-la como esposa, porém essa beleza atrairá também o príncipe Paris e isso causará uma década de guerra em disputa pela jovem Helena, que causará a morte de milhares de pessoas. Desta forma, percebemos que a beleza pode ser uma dádiva para quem a possui, mas pode gerar acontecimentos e até consequências trágicas para quem a busca ou a admira.

A beleza masculina, que é o tema de nosso trabalho, também é reverenciada na Grécia antiga, onde há casos de homens mais velhos que se apaixonam por homens mais jovens, inclusive envolvendo os Deuses. Afim de entendermos melhor o assunto, selecionamos um trecho do livro de Dag Onstein Endsjo, *Sexo e religião* (2014): “Zeus apaixonou-se de tal forma pelo jovem Ganimedes que o levou para o Olimpo. Apolo estava perdidamente apaixonado pelo belo jacinto e um rejuvenescido Pelópidas foi atraído por um ciumento Possêidom” (ENDSJO, 2014, p.162). Nesse excerto, são citados alguns casos de enlances entre Divinos e mortais, porém, destacaremos Ganimedes, que era um príncipe, cujos belos atrativos seduziram o Deus supremo, Zeus, fazendo com que o mesmo descesse do Olimpo em forma de águia, para raptá-lo e o possuísse em pleno voo.

A título de exemplificação, achamos interessante colocar uma imagem de Pierre et Gilles, que retrata essa relação incomum:

Figura 3 Zeus e Ganimedes



Fonte: <http://oscarbrisolara.blogspot.com.br/2015/03/zeus-e-ganimedes-homoafetividade.html>

Na figura acima, temos Ganimedes, com seu corpo esguio, pele clara e músculos definidos abraçado ao seu raptor Zeus em forma de pássaro, sendo representada nessa tela a relação entre o mortal e a divindade de uma forma audaciosa, dando destaque ao homoerotismo.

Além dos personagens citados acima, temos outro acontecimento envolvendo também personagens do mesmo gênero, que é o caso do imperador Adriano, o qual se passa na Roma antiga, como podemos constatar na citação também do mesmo livro citado anteriormente:

Muito embora os romanos não compartilhassem a visão sagrada do sexo entre homens vigentes entre os gregos, o jovem e belo Antínoo foi declarado Deus depois de se afogar nas águas do Nilo em 130 a.C., pelo fato de ser amante do imperador Adriano. Seu culto chegou a ser comparado à adoração a Jesus. (ENDSJO, 2014, p.163).

Antínoo tornou-se uma divindade após ter tido uma relação homoafetiva com um homem mais velho e poderoso. Portanto, percebemos que a relação entre homens poderia ser considerada uma questão de prestígio social e até algo divino.

Visto que as questões das relações homoeróticas entre gerações diferentes são vistas frequentemente na literatura, causando assim grande impacto e curiosidade em muitos leitores, tendo também diversas interpretações advindas de críticos literários. Sendo assim, analisaremos o romance *O retrato de Dorian Gray*

(2014), já que podemos notar no desenrolar da trama um envolvimento velado entre os personagens de Dorian Gray, Lorde Henry Wotton e o pintor Basil Hallward, as quais são relações conturbadas que podem receber diversas leituras.

1.3 VAIDADE E PRAZER MASCULINO: DANDISMO E HEDONISMO

Iniciaremos este tópico conceituando a vaidade que segundo o *Minidicionário da língua portuguesa de Silveira Bueno* (1996) significa: “S.f. Desejo exagerado de atrair admiração ou as homenagens dos outros; ostentação; presunção; futilidade; orgulho” (p. 668). Mesmo que passados muitos séculos desde a Grécia antiga, são essas características do homem vaidoso que se preocupa com a aparência e com o olhar do outro que imperam na sociedade masculina da Inglaterra do século XVIII como Valéria Brandini (2009) nos explica:

Até o século XVIII, na Europa, a aceitação do comportamento aristocrático licencioso – em que os homens de classes hierarquicamente superiores relacionavam-se sexualmente com parceiros masculinos e femininos (especialmente na Inglaterra) – organizava o universo masculino em torno do esplendor da imagem do homem – sua importância era maior quanto maior fosse a ostentação em seu traje. A linguagem corporal afeminada e os maneirismos afetados eram sinal de poder aristocrático, a serem imitados por homens burgueses que, em busca de promoção social, infringiam leis suntuárias e adotavam elementos do estilo de vestimenta dos aristocratas, além de hábitos e preferências sexuais dos mesmos. (BANDRINI, 2009 p.77-78).

Portanto, percebemos que a bissexualidade e a preocupação com o modo de se vestir pelos homens eram aceitas pela sociedade, principalmente, na Inglaterra, e isso era ligado ao status social, de modo que os homens de menor classe, para poderem se destacar e se sentirem mais importantes, se espelhavam nos homens de poder, sendo assim, tentavam se vestir de forma exagerada e até os imitavam em seus hábitos sexuais.

No século XIX, (época em que decorre a trama do romance com o qual estamos trabalhando), a preocupação com a aparência ainda é uma questão apreciada, porém, dentro de uma sociedade mais puritana, os homens tiveram que se tornar mais discretos em seus modos de se vestirem e também em seus estilos de vida como percebemos a seguir:

Mudanças nas relações sociais e de gênero estão “estampadas” na expressão de moda em emergência no século XIX. A extravagância no traje

tornou-se seara feminina e o mundo masculino passou a explorar outras formas de representação do status: se até o século XVIII a espetacularidade no traje masculino constituía uma forma aristocrática de representação de poder, novas convenções sociais, entre elas, a banalização do luxo ostentatório entre a aristocracia, a projeção do corpo humano como extensão do trabalho e a condenação do homossexualismo¹ em países como a Inglaterra, a partir do século XVIII, reduziram a espetacularização no traje do homem, tornando-o escuro e sóbrio. (BANDRINI, 2009 p.76).

Embora anteriormente, os trajes masculinos exuberantes demonstrassem sinal de poder e riqueza, a partir de que a condição de ser homossexual tornou-se crime, os homens para não serem presos por esse motivo tiveram que tornar suas vestimentas mais discretas e menos chamativas.

Justamente nessa época vitoriana, surgem os dândis, que eram os homens considerados preocupados com sua aparência e vestimenta, como nos é explicado por Humberto Eco (2014):

Os primeiros indícios de um culto ao excepcional aconteceram com o dandismo. O dândi nasce na sociedade inglesa da Regência, nos primeiros decênios do século XIX, com George Brummel. Brummel não é uma artista, nem um filósofo que reflita sobre o belo e a arte. Nele o amor pela Beleza e pela excepcionalidade manifestam-se como costume (no duplo sentido do termo, como modo de vestir e como prática da vida). A elegância, que se identifica com a simplicidade (levada até a excentricidade), une-se ao gosto pelo dito paradoxal e pelo gesto provocativo [...]. Mas nos anos da Restauração e durante a monarquia de Luís Filipe, o dandismo (na onda anglomanía que se alastrava) penetra na França, conquista homens do mundo, poetas e romancistas de sucesso, e encontra, por fim, os seus teóricos em Charles Baudelaire e Jules-Amédée Barbey d'Aurevilly. Já no final do século, o dandismo faz um singular retorno à Inglaterra, onde – agora como imitação das modas francesas – será praticado por Oscar Wilde e pelo pintor Aubrey Beardsley (ECO, 2014. P-333-334.).

Desta forma, o dandismo se prolifera conquistando os homens que começam a buscar a beleza e os prazeres, em várias esferas da vida, nas artes, na moda e no amor, permeando entre excentricidades e exageros. Um grande exemplo é Oscar Wilde que gostava de viver bem e ostentar suas roupas como podemos perceber em uma de suas fotografias:

¹ O Autor pode ter se equivocado utilizando a palavra homossexualismo, pois o sufixo ismo designa doença, termo hoje tratado como improprio já que a homossexualidade (termo correto) não é mais considerada doença.

Figura 4 O retrato de Oscar Wilde



Fonte: https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Oscar_Wilde_portrait.jpg

Na foto acima, vemos Wilde vestido elegantemente, usando um casaco com detalhes em pele, com um grande anel e segurando luvas e bengala. Tal vestimenta parece ser exagerada para época e talvez reflita a sua preocupação com a aparência. O escritor era um conhecido hedonista, vivia em busca dos seus prazeres e da beleza, sendo considerado um dos mais famosos e importantes dândis. Além disso, Oscar era contrário à recriminação do modo de se vestir e da proibição da homossexualidade, inclusive foi condenado à prisão com pena de dois anos por práticas homossexuais referentes ao seu relacionamento amoroso com Lorde Alfred Douglas.

Dentro da prisão, Oscar escreve ao seu amado uma carta que mais tarde se tornaria o livro *De Profundis* (1982). Nela, ele fala sobre seu amor e também da sua vida em busca dos prazeres, como lemos a seguir:

Despertei a imaginação do século em que vivi, para que criasse um mito e uma lenda em torno da minha pessoa. [...] Mas me deixei atrair por longos períodos de ócio sensual e insensato. Divertia-me ser um flâneur, um dândi, um homem da moda. Cerquei-me de naturezas menores e de inteligências mediocres. Dissipar o meu próprio gênio e desbaratar uma juventude que me parecia eterna provocava em mim uma estranha alegria. Cansado das alturas descí as profundezas em busca de novas sensações. O que o paradoxo significava para mim no âmbito do pensamento, a depravação

passou a significar no âmbito das paixões. No fim, o desejo era como uma doença, uma loucura, ou ambas. Deixei de pensar nos outros, desfrutava o prazer onde quer que o encontrasse e seguia adiante. Esqueci que cada pequena ação cotidiana pode fazer ou desfazer um caráter e que tudo aquilo que fazemos no segredo da alcova, teremos que confessa-lo um dia, gritando do alto dos telhados. Deixei de ser senhor de mim mesmo. Já não era mais o comandante da minha alma e não sabia. Permiti que o prazer dominasse e acabei caindo em terrível desgraça. Agora só uma coisa me resta: a mais absoluta humildade. (WILDE, 1982, p. 60).

No texto acima, Oscar Wilde reflete que a busca pela beleza e por novos prazeres trouxe consequências devastadoras para ele mesmo e também para as pessoas com quem ele havia se relacionado, já que o mesmo considera que não pensava nelas. Assim, Wilde deixou que seus hábitos o dominassem, tornando-o dependente de novas sensações, e após tudo isso, ele teve que confessar e pagar pelos seus atos, levando-o ao arrependimento, à prisão e a uma forçada humildade.

A vida do escritor, sua vaidade e hedonismo se refletem em seus livros, principalmente em *O retrato de Dorian Gray*, pois podemos perceber que os três personagens centrais: Dorian Gray, Lord Henry Wotton e Basil Hallward contêm características de seu criador, da mesma forma nos explica Merlin Holland (2001):

[...] Oscar no ano em que começou a trabalhar em *Dorian Gray*, em 1889. Em uma carta, admitiu certos elementos autobiográficos no romance. “Basil Hallward é o que penso que sou. Lord Henry é o que o mundo pensa de mim. Dorian é o que eu gostaria de ser, outra época, talvez. (HOLLAND, 2001, p. 125).

Deste modo, percebemos que Oscar Wilde colocou em cada um de seus personagens algo de si próprio, entretanto, quem ele gostaria de ser na realidade, era Dorian Gray, talvez por isso deu a ele, em sua obra, a vida que sua alma realmente ansiava.

Também podemos perceber nuances de Oscar Wilde em Lord Henry, posto que o mesmo é descrito no livro como um personagem de bela vestimenta e preocupado com a aparência. Desta forma, é, assim, considerado um dândi de sua época como nos é explicado por Kelen Cristina Manzan Rodrigues:

O romance não só é produzido no contexto histórico da Inglaterra do final do século XIX como a narrativa do romance se contextualiza nesse mesmo espaço temporal. Essa relação é essencial para compreendermos em que sentido e medida podemos tomar a personagem de Lord Henry como encarnação da figura do dândi e analisá-la como embreante paratópico central no romance. Essa consideração de Lord Henry como um embreante paratópico central quer dizer que essa personagem constitui um ponto de

identificação privilegiada para os escritores decadentistas do século XIX. Em outras palavras, a personagem encarnada em dândi atua como um articulador entre a obra e o contexto – por isso considerada um emblema paratópico, por fazer essa ligação entre texto e contexto –, já que em muito constitui a materialização da condição do escritor decadentista no campo, naquele dado momento histórico. (RODRIGUES, 2014, p.145-146).

Henry Wotton reflete a figura do dândi, o contexto social da Inglaterra do final do século XIX além do hedonismo do escritor Oscar Wilde.

No romance *O retrato de Dorian Gray* (2014) é justamente Lord Henry Wotton, com suas ideias de aproveitar a vida, as sensações e a juventude, é quem irá influenciar o jovem, e até então, ingênuo Dorian Gray, a se tornar também um dândi e hedonista, fato que o levará a viver sem pensar nas demais pessoas. Porém, veremos que assim como o criador, as criaturas de Wilde também sofrerão as consequências de uma vida de exageros em busca dos prazeres e da beleza.

CAPITULO 2

2. A BELEZA E SUA MALDIÇÃO EM *O RETRATO DE DORIAN GRAY* (2014)

“Narciso acha feio o que não é espelho”.

Caetano veloso

2.1. A SEDUTORA E PERVERSA BELEZA DE DORIAN GRAY

Neste capítulo faremos a análise da obra *O Retrato de Dorian Gray* (1891) do escritor Irlandês Oscar Wilde, nosso intuito é investigar como a idolatria da vaidade e da beleza levam o protagonista e seus companheiros à perdição e à decadência, afetando também de uma forma nefasta várias pessoas que os cercam.

O romance em questão narra a história do inglês Dorian Gray um jovem de família abastada, cuja mãe havia fugido com um homem pobre para viver um grande amor, sendo posteriormente privada de tal relação amorosa por seu pai, porém, gerando um filho bastardo, o nosso personagem principal. Sendo assim, tal fato provavelmente tenha influenciado a vida de Dorian de uma forma negativa. Também o excesso de mimos, por parte do avô materno que o criou, o tornou uma pessoa egoísta e egocêntrica. No entanto, a característica mais marcante de Dorian é o frescor de sua perturbadora beleza, que encanta e seduz todos a sua volta.

Envolvidos por sua beleza, temos seus amigos: Lorde Henry Wotton, um aristocrata hedonista possuidor de ideias amorais e Basil Hallward personagem de índole mais amena. Dorian serve de modelo para um retrato que Basil está pintando, tal tarefa desenvolve no pintor um encantamento pelo muso inspirador. No começo do romance *O Retrato de Dorian Gray* (2014), Lord Henry questiona Basil sobre o jovem modelo:

[...] Conversemos ainda sobre Mr. Dorian Gray. Viste-o muitas vezes?

— Todos os dias. Não me sentiria feliz se não o visse cada dia. Ele me é absolutamente necessário.

— Deveras curioso! Supunha que não te ocupasses de mais nada além de sua arte...

— Ele é agora toda minha arte [...] (WILDE, 2014, p. 21).

Percebemos no conteúdo dessa conversa que há uma fascinação de Basil por Dorian Gray, uma atração que vai além de uma simples amizade e mexe com os sentimentos do pintor. Como nos explica Daniel Barbo:

[...] dominado pelo semblante de um jovem, a rondar a sua volta, completamente extasiado pela atração inescapável provocada pela beleza física do amado, Basil perde a sua independência e torna-se um escravo de Dorian Gray. O ideal de beleza física do mundo clássico, a harmonia entre corpo e alma inerente à pederastia grega, bem como a inspiração artística e intelectual advinda desta prática imprimem-se na mente de Wilde para explicar o efeito causado pelo jovem na alma do pintor. (BARBO, 2010, p. 38).

De acordo com o autor, Basil se sente de certa forma, escravizado pela figura de Dorian Gray ao ponto de perder sua independência. Barbo ao comentar a atração de Basil por Dorian menciona a Grécia, período já citado no primeiro capítulo. Devido a isso, achamos pertinente explicar mais sobre o tema inserindo uma citação de Sheila Rigante Romero no seu artigo *A introdução da Philía nas relações homoeróticas entre Erastês e Erômenos nas obras simpóticas de Platão e Xenofonte* (2009) que explica a relação entre amizade e homoerotismo nessa época e local:

O estreitamento da amizade entre os parceiros fazia com que o eros homoerótico não se caracterizasse apenas por uma união sexual, mas também, e principalmente, por uma união espiritual. Platão em sua obra procurava constantemente tornar o desejo sexual pelos rapazes em admiração e respeito à alma do amante ou do amado. (ROMERO, 2009, p.3).

Apesar de o verdadeiro teor da relação entre Basil e Dorian não ficar explícito no livro, a mesma se encaixa nos moldes descritos por Romero. Embora Basil o admire fisicamente, a relação deles parece não se consumir em termos carnis, ficando apenas na contemplação de sua bela figura e de sua personalidade, que para o pintor parece ser inebriante.

Quando Lord Henry conhece Dorian Gray, percebe nele as qualidades que seduziram Basil e se sente também atraído pela beleza do jovem:

Lord Henry examinava-o. Ele era decerto, extraordinariamente belo, com os lábios escarlates finamente talhados, os claros olhos azuis, a cabeleira de cachos de ouro. Tudo na sua face atraía a confiança, desde que nela não se descobria essa candura de mocidade aliada à pureza ardente da

adolescência. Sentia-se que o mundo ainda não o havia poluído. Como surpreender que Basil Hallward o estimasse de tal forma?
 — O senhor é realmente bem sedutor[...] bem sedutor. (WILDE, 2014, p. 28).

Percebemos nesse momento que também Lord Henry se sente deslumbrado por Dorian Gray, se formando a partir desse momento uma espécie de triângulo amoroso e de grande rivalidade envolvendo Basil Hallward também. Alcione Gonçalves (2012) nos fala dessa relação conturbada dos personagens:

Hallward, buscando uma fusão entre o seu eu e Gray, cria um retrato do jovem que na verdade não deixa de ser um autorretrato da alma do pintor. Em meio a este enamoramento singular, surge uma terceira personagem: Lord Henry Wotton. Este busca uma perfeita harmonia entre seu brilho intelectual e a magnitude estética de Gray. Tanto o pintor quanto o nobre buscam apossar-se do rapaz que é ambos um objeto de suas projeções. De um lado temos a mãe que lhe dá forma (Basil Hallward), e de outro o pai que lhe dá a linguagem (Lord Henry). (GONÇALVES, 2012, p 211-212).

A autora nos remete aos dois como se fossem ambos criadores de Dorian Gray, seu pai e sua mãe, cada um moldara um pouco a personalidade de sua criatura.

A beleza de Dorian que causará hostilidade entre Basil e Henry é um tema bastante aprazível para uma grande parte dos seres humanos, pois a mesma seduz e é almejada, por estar ligada à sedução e aos prazeres carnis. Sendo assim, tal tema tem sido bastante explorado pelos meios audiovisuais, especialmente, o romance de Wilde, várias adaptações do mesmo já foram feitas para as telas. A título de exemplificação colocamos uma imagem do filme *O retrato de Dorian Gray* de 2009 dirigido por Oliver Parker:

Figura 5 Filme: O Retrato de Dorian Gray



Fonte: http://lounge.obviousmag.org/por_tras_do_espelho/2014/11/o-que-temos-em-comum-com-o-retrato-de-dorian-gray.html

Nesta imagem é mostrada a beleza do ator Ben Barnes, que foi escolhido para representar Dorian Gray. Podemos perceber a sua admiração pelo seu próprio retrato, como se representasse o personagem mítico Narciso, que se apaixona por seu próprio reflexo.

No romance, Lord Henry ao descrever o belo Dorian Gray, diz que ele lembra uma combinação de marfim e folhas de rosas (WILDE, 2014, p.14). Vale lembrar que marfim é branco e sem imperfeições, as folhas de rosa são suaves e aveludadas, portanto, Dorian torna-se o arquétipo da beleza almejada por muitos. Lord Henry o compara ao personagem mitológico Adônis e também a Narciso, ideais de beleza que falaremos a seguir.

2.2. ADÔNIS E NARCISO, DOIS PERSONAGENS EM UM ÚNICO DORIAN GRAY

Continuando a desenvolver a relação da valorização da beleza e da juventude, voltaremos a mitologia Greco romana que conta a história de Narciso, um jovem cuja incrível beleza atraía homens e mulheres, porém ele apenas gostava de si mesmo, Paulo Martins de Jesus (2010) explica sobre tal mito:

Conta o mito, que Narciso era um jovem muito bonito e sedutor e que todas as mulheres, ninfas ou mortais, sentiam certo fascínio por ele. O jovem admirara tanto a si mesmo que jamais teve tempo para sentir algo por outra pessoa, nem para perceber o que as demais sentiam por ele[...] Eco era uma jovem extremamente apaixonada por Narciso e que, por não ser correspondida, resolveu um dia isolar-se num vale. Com o coração dilacerado de amor, foi morrendo aos poucos. (DE JESUS, 2015, p.2-3).

Dorian Gray e Narciso, descrito acima têm algumas características em comum, ambos são extremamente belos e jovens e várias pessoas se apaixonam por eles devido a essa característica. Além de ambos personagens terem fascinação por sua própria imagem. Para exemplificarmos a beleza de Narciso e seu fascínio por si mesmo temos uma pintura do artista italiano Caravaggio:

Figura 6 Caravaggio – Narciso



Fonte: <http://virusdaarte.net/caravaggio-narciso/>

Podemos perceber na figura acima o jovem Narciso boquiaberto, fascinado pelo seu reflexo e sua beleza, a mão está dentro da água demonstrando o seu desejo em tocar seu próprio corpo.

O fato mais marcante entre Narciso e Dorian Gray, no entanto, é que as pessoas que se enamoraram por ambos acabam tendo finais trágicos, Eco decepcionada por Narciso definhou até a morte, e as pessoas que se envolveram com Dorian também tiveram finais trágicos. Um exemplo disso, é uma atriz dos palcos de Londres, Miss Sibyl Vane, ela se apaixona por Dorian, entretanto, quando

ele por ter sentimentos passageiros se desencanta e resolve deixá-la, a moça perde o sentido de sua vida, que é a sua paixão por ele, e acaba se suicidando com uma faca. Quando Dorian recebe a notícia de sua morte, em um primeiro momento ele se sente responsável por isto. Como se ele próprio tivesse rasgado a garganta da jovem, mas mesmo se sentindo culpado não deixava de achar as rosas menos belas (WILDE, 2014, p. 115), ou seja, ele não se deixa afetar por esse acontecimento. Mostrando, assim, sua personalidade frívola que dá valor primeiro a si mesmo, não pensando nos outros.

Como citado anteriormente, Dorian Gray tem traços de personalidade de seu autor Oscar Wilde, que também buscava os prazeres. Em seu relato na prisão, Oscar reflete sobre sua vida.

Eu costumava levar uma vida inteiramente voltada para o prazer. Fugia de qualquer espécie de sofrimento ou dor. Odiava ambos. Decidi ignorá-los tanto quanto possível: isto é, tratá-los como formas de imperfeição. Eles não faziam parte do meu plano de vida. Não havia lugar para eles na minha filosofia. (WILDE, 1982, p. 67).

Oscar Wilde, assim como Dorian, também repelia o que era indesejado, preferia não lidar com as mazelas. Ambos amavam a si mesmo, características do narcisismo, termo que provém da lenda de Narciso, De Jesus explana sobre isso:

A expressão “narcisismo”, que tem sua origem nesse mito, está relacionada à pessoa que tem um amor excessivo por si mesma, sendo incapaz de amar a outros. No mito, Narciso é instruído pelo oráculo a não olhar nunca para o espelho. Nesse caminho, ele nunca havia encontrado consigo mesmo. Essa constatação, portanto, aponta para uma intuição de que sem conhecer a si mesmo, ele torna-se incapaz de relacionar-se e reconhecer os outros. Mas isso só acontece até que a sentença vingativa de Nêmesis o faz encontrar consigo mesmo e apaixonar-se. (DE JESUS, 2015, p.3).

Baseado na explicação do autor sobre Narciso, deduzimos que Dorian também possui características parecidas com a do personagem mítico, principalmente a ausência da alteridade no seu caráter. Assim como Narciso ele também terá um final trágico, que será explicado mais à frente.

Alcione Gonçalves (2012) também reflete sobre o Narcisismo:

Ao estudarmos uma personalidade narcisista, observamos que seu culto nasce de um excessivo amor próprio, em muitas ocasiões, manifestado por psiconeuroses. As razões que levam um indivíduo a comportamento similar são inúmeras. Dentre elas, o medo da morte e do envelhecimento são as mais conhecidas, nem por isso menos complexas. (GONÇALVES, 2012, p. 208).

Percebemos, nessa citação, semelhanças com o personagem Dorian Gray. Há nele também essas características, o amor próprio e também o medo de envelhecer. Ao longo do trabalho falaremos mais sobre elas.

Dorian Gray também foi comparado por Lord Henry, como mencionado anteriormente, a outro personagem mitológico da Síria, Adônis, que também apresenta um ideal de beleza, como explica Ana Paula de Araújo no website InfoEscola:

Filho de uma relação incestuosa e intrigante, a lenda de Adônis vem da Síria. A rainha tinha uma filha chamada Mirra, que era tão bela que foi proclamada mais bela que a própria deusa da beleza. Decidida a vingar-se, Afrodite fez com que o Mirra se apaixonasse pelo próprio pai, e tramando um encontro, entra sem ser vista no quarto do pai e tem relações com ele. Irado, ao descobrir a traição da filha, o rei planeja condená-la à morte, mas antes disso, Mirra foge e perde-se pelo mundo. Com pena da jovem, os deuses resolvem transformá-la em uma árvore, cujas gotas são as próprias lágrimas de Mirra, mas o que não se sabia era que a jovem tinha engravidado do pai. Nove meses depois, a árvore de Mirra se abriu e dela saiu um menino de beleza extraordinária, que foi criado pelas ninfas e recebeu o nome de Adônis. Já jovem, Adônis chama a atenção de Afrodite, e esta apaixona-se perdidamente por ele (muitos dizem ser a vingança de Mirra). Os dois atraem-se e ficam juntos, se tornando inseparáveis, despertando a ira de Ares, que era apaixonado por Afrodite. (ARAÚJO, s/d. s/p).

Adônis, assim como Dorian, representam ideais de beleza, e encantam as pessoas aos seus redores. Podemos perceber essa formosura extraordinária de Adônis retratada a seguir:

Figura 7 Adônis



Fonte: <http://www.revistaendorfina.com.br/a-busca-do-corpo-perfeito-complexo-de-adonis/>

Vemos no quadro acima retratado, a beleza que atraiu a Deusa do amor, Afrodite. O jovem com sua pele clara, seus músculos definidos e um rosto angelical e sereno. Entretanto, essa beleza traz conflitos para Adônis, assim como para Dorian Gray, pois ambos têm suas figuras relacionadas com momentos trágicos, como traição, brigas e mortes.

Em determinado momento de reflexão, Dorian pensa sobre o mal causado a outras pessoas:

Melhor valera não cogitar o passado! Nada conseguiria modifica-lo [...]. James Vane jazia estirado em um túmulo sem nome, no cemitério de Selby; Alan Campbell havia se suicidado uma noite, no próprio laboratório, sem revelar o segredo que ele o forçara a conhecer [...]. Em verdade, não era a morte de Basil Hallward que oprimia; era a morte viva de sua própria alma. (WILDE, 2014, p.248-249).

As pessoas citadas acima por Dorian são: James Vane, irmão de Sibyl, que foi morto por acaso ao tentar se vingar pela morte da irmã. Também Basil Hallward teve seu fim trágico, pois foi assassinado por Dorian após este ter revelado ao pintor o segredo macabro do quadro. Já Alan Campbell suicida-se com

peso na consciência pois ajudou Dorian a destruir o corpo de Basil. Ademais, subentende-se que havia no passado um relacionamento afetuosos entre Dorian e Alan. Sendo assim, Dorian parece sentir uma certa responsabilidade pelas mortes, no entanto, no final da citação acima podemos notar que o mesmo só se preocupa com a própria alma e não sente um total arrependimento.

2.3. FORÇAS OCULTAS E LORD HENRY

O grande vilão da história parece ser Lord Henry, ele, talvez, funcione dentro da trama como a criatura maligna que influencia Dorian a se apegar aos valores fúteis de adoração da beleza, idolatração da juventude e dos prazeres da vida.

Basil conhece a índole de seu amigo e com medo de que ele influencie Dorian Gray, e que por isso o perca, implora para que ele não o estrague, por isso pede que Lord Henry não o macule e não o influencie com suas ideias:

[...] Não me estragues; não me impressiones; a tua influência seria perniciosa. O mundo é grande de gente interessante. Não me subtraias a única pessoa que empresta à minha arte o encanto que ela pode possuir; minha vida de artista depende dele. Presta atenção Harry, eu te peço. (WILDE, 2014, p. 26).

Basil apaixonado pela figura do jovem Dorian, fica obcecado por ele, acha que sua vida, até sua arte depende agora do rapaz, sendo assim, tenta alertar seu objeto de adoração sobre a perniciosa influência do amigo: “[...] Dorian, sobe ao estrado; não te mexas muito e não prestes atenção ao que te disser Lord Henry. Sua influência é má para todo mundo salvo para ele” (WILDE, 2014, p. 29). No entanto, Dorian acha interessante as ideias de Lord Henry, e por serem desconhecidas ele quer saber mais sobre essa possível má influência:

—É verdade que sua influência chega a prejudicar tanto quer Basil?
 — Ignoro o que os homens entendem por uma boa influência, Mr Gray. Toda Influência é imoral... imoral, sob o ponto de vista científico...
 — E por quê?
 — Porque considero que influir sobre uma pessoa é transmitir-lhe um pouco de sua própria alma; esta pessoa deixa de pensar por si mesma, deixa de sentir suas paixões naturais. Suas virtudes não são mais suas. Seus pecados, se houver qualquer coisa semelhante a pecados, serão emprestados. (WILDE, 2014, p. 29).

Lord Henry explica que quando uma pessoa influencia a outra ela a está dominando, como se a pessoa fosse uma marionete nas mãos de um ventríloquo, ele acredita que as pessoas devem seguir seus próprios instintos.

A partir de então, Henry mesmo contrariando o pedido de Basil de não macular Dorian, começa a expor seus ideais de vida, proferindo discursos como: “O terror da sociedade, que é a base de toda moral, o terror de Deus, que é o segredo da religião, eis as duas coisas que nos governam” (WILDE, 2014, p. 30). Inferimos aqui que os homens em sociedade vivem com medo do que os outros irão pensar, de que Deus os condenará por seus atos e também temem os castigos pregados pela religião, por isso, os mesmos ficam com medo de viver plenamente e não realizam suas vontades. Lord Henry continua seu discurso:

—Creio que se um homem quisesse viver plenamente, completamente, quisesse dar uma forma a cada sentimento, uma expressão a cada pensamento, uma realidade a cada sonho, creio que o mundo experimentaria tal impulso de alegria nova que nos esqueceríamos de todos os males medievais para voltarmos ao ideal grego, talvez mesmo a qualquer coisa mais linda e rica que esse ideal! O mais bravo, porém, entre nós tem medo de si próprio [...]. Cada impulso que tentamos sufocar persevera em nosso íntimo e nos intoxica. O corpo peca a princípio e satisfaz-se com o pecado, por que a ação é um modo de purificação [...]. Só quando cedemos a tentação nos desembaraçamos dela (WILDE, 2014, p. 30).

Lord Henry acredita que é necessário ceder aos próprios desejos, que se fizéssemos tudo que temos vontade conseguiríamos nos libertar de todo mal e viveríamos plenamente. Mas muitas pessoas têm medo de si próprias, de seus sentimentos, e esse medo de colocar tudo em prática, nos faz mal, porque a realização de nossas vontades, na verdade, nos purificaria, segundo Henry.

Continuando a influenciar Dorian, Lord Henry começa a desvendar o passado do jovem, o instigando a falar sobre suas experiências:

O senhor Mr. Gray, com sua candente mocidade e a sua cândida infância, há de ter tido paixões que o terão espantado, pensamentos que já o encheram de terror, dias de sonho e noites de sonho que simplesmente recordadas, bastarão para fazer subir-lhe o rubor às faces... (WILDE, 2014, p. 30-31)

Ao ser confrontado, Dorian Gray sente-se invadido, fica envergonhado e sem palavras e diz:

— Alto! —pediu Dorian Gray, Hesitante. —Detenha-se! O senhor me embaraça. Não sei o que responder-lhe. Tenho uma resposta a dar-lhe,

mas não a encontro. Não fale! Deixe-me pensar! Por favor! Deixe-me experimentar pensar (WILDE, 2014, p. 31).

O jovem pensa no que Lord Henry lhe diz e questiona seu próprio passado, desperta-se em Dorian algo que não fazia parte de seu conhecimento: “Sim, passaram-se fatos na sua infância que ele não conseguia compreender; agora os compreendia. A vida se lhe apresentou de súbito ardentemente colorida” (WILDE, 2014, p. 31). Dorian relembra seu passado e a vida dele parece renovar-se.

Continuando a falar sobre Dorian, Lord Henry começa a elogiar a juventude do rapaz: “Porque o senhor possui uma juventude admirável e a juventude é a única coisa desejável” (WILDE, 2014, p. 33). Henry acredita que a juventude é importante, assim como a beleza:

[...] não sorrirá tão facilmente, quando a houver perdido. Tem-se dito que a beleza é apenas superficial; talvez seja, mas, em todo caso, é sempre menos superficial que o pensamento. Para mim, a Beleza é a maravilha das maravilhas. Só os sujeitos acanhados não julgam pela aparência (WILDE, 2014, p. 34).

Com esses pensamentos, o ardiloso aristocrata vai mostrando sua verdadeira face, fazendo Dorian questionar seus princípios. Ele o instiga a buscar novas experiências: “Busque novas sensações! Nada receie... Um novo Hedonismo, eis o que pede este século” (WILDE, 2014, p. 34). Para Henry, o hedonismo, ou seja, a satisfação pessoal, como citamos anteriormente e também a busca pelas sensações prazerosas são muito importantes e essenciais para se ter uma vida plena. Tais ideias vão acrescentando novas reflexões em Dorian:

Chegara Lord Henry Wotton, com seu estranho panegírico da mocidade e a advertência terrível de sua brevidade. Ele havia sido tocado a propósito e, presentemente, em face da sua própria beleza, sentia a plena realidade expandir-se em si. (WILDE, 2014, p. 37).

Tudo o que Lorde Henry fala causa um grande impacto em Dorian Gray. No decorrer da trama mesmo estando fascinado pelo rapaz, o lembra que a juventude não é eterna e que o peso dos dias também chegará para Gray:

Sim, chegaria o dia em que sua face se encheria de pregas e rugas, seus olhos se encovariam sem cor e ir-se-ia a graça de toda sua pessoa, alquebrada e deformada. Passaria o escarlate de seus lábios como desapareceria o ouro de sua cabeleira. A vida, que lhe devera aperfeiçoar a

alma, abater-lhe-ia o corpo. Seria horrível, desfigurado, disforme (WILDE, 2014, p. 37).

Henry ressalta que a beleza, assim como para todos nós, também passará para Dorian Gray. O jovem sente-se triste ao admirar o seu quadro que seu amigo Basil havia pintado, pois o retrato permaneceria para sempre daquela maneira:

— Que coisa profundamente triste – murmurava Dorian, os olhos fixos no retrato. – Sim, profundamente triste!... Eu ficarei velho, aniquilado, hediondo!... Esta pintura continuará sempre fresca. Nunca será vista mais velha do que hoje, nesse dia de junho. Ah! Se fosse possível mudar os destinos; se fosse eu quem devesse conservar-me novo e se essa pintura pudesse envelhecer! Por isso eu daria tudo!... Nada há no mundo que eu não desse... Até minha Alma! (WILDE, 2014, p. 38).

Como podemos observar no trecho acima, Dorian se sente desolado por sua beleza ser efêmera, tudo que ele quer é o contrário, permanecer para sempre jovem e bonito. O rapaz chega a dizer que tem ciúmes de tudo aquilo cuja beleza é imperecível, que tem inveja do próprio retrato e questiona o porquê de o quadro conservar a beleza e a juventude e ele não. Motivado por essa grande vontade e vaidade, mesmo sem o seu conhecimento, uma espécie de pacto com forças ocultas parece ser feito, em que o desejo de permanecer sempre jovem e belo é atendido. Será o seu quadro que irá sentir o peso do tempo e não Dorian Gray.

2.4. O PACTO “DIABÓLICO”

O tema do pacto com forças ocultas, principalmente, com o diabo, para receber algo em troca, é um tema recorrente na literatura, a mais famosa é a lenda do Dr. Fausto de Goethe e também de Christopher Marlowe (1592), como Kera Stevens (1988) nos explica:

O texto que temos da peça *Dr. Fausto* é bastante mutilado, sobretudo a parte central, devido a cortes e adições efetuados através dos anos. Quando Goethe declarou: “Como foi tudo tão bem planejado!” certamente devia estar-se referindo mais à concepção que à estrutura da peça. O grande escritor alemão inspirou-se nela para escrever sua própria obra-prima *Fausto*, contribuindo assim para tornar a lenda ainda mais famosa. Sempre existiram várias lendas, desde a mais remota antiguidade, a respeito de pessoas que entregam sua alma ao demônio em troca de benefícios neste mundo. Dr. Fausto, porém foi uma personagem histórica que viveu na Alemanha na primeira metade do século XVI e que ficou

conhecida como mágico, astrólogo, quiromante e até como “Filósofo dos Filósofos”. Foi tema de obras em latim, e em alemão, traduzidas posteriormente para o inglês.

Tendo lido a versão inglesa, Marlowe dela se aproveitou para escrever *A Trágica História do Dr. Fausto*. Assim, um tema tipicamente medieval tornou-se inspiração para uma tragédia renascentista.

[...] O Fausto de *Marlowe*, descontente com as limitações do saber humano, deseja entregar sua alma ao demônio, não em troca de meros benefícios materiais, mas com o objetivo mais elevado de poder assimilar toda a sabedoria do mundo (KERA, 1988, p. 80).

Mas diferentemente de Fausto que quer a sabedoria do mundo, por ser um intelectual e almejar um conhecimento infinito, o que leva o personagem de Wilde a fazer o pacto é apenas o interesse fútil de permanecer intocado pelo impacto dos anos.

No artigo *Uma das formas do pacto com demônio: entre a oralidade e a escrita* (2013), a autora Francieli Santos Rossi nos fala sobre as intenções de um pacto com o Diabo:

Por mais que o diabo, nestas narrativas, seja vencido pelos humanos a partir de conhecimentos e crenças populares e religiosas, a estrutura original do pacto é conservada nelas. Pois, nota-se que este acordo é firmado entre humanos e o demônio, porque os pactários almejam a troca de favores diabólicos, estes que podem incluir: juventude, conhecimento, riqueza, poder, coragem, dom para tocar perfeitamente um instrumento musical ou simplesmente para ter o corpo fechado na intenção de derrotar, em campo de batalha, um inimigo, também pactário. (ROSSI, 2013, p. 71).

Como percebemos existem muitas intenções em quem deseja fazer um pacto com o Diabo, e sempre há um intermediador para que isso ocorra. No caso de Fausto, ele faz um pacto de sangue com uma criatura sobrenatural, Mefistófeles, que é enviada pelo diabo. No caso de Dorian Gray, acreditamos que é Lord Henry quem desperta os desejos obscuros do jovem mancebo e também se deleita em saber que pode manipulá-lo, como mostra o trecho abaixo:

É que esse adolescente, casualmente encontrado no atelier do Basil, era um maravilhoso espécime da humanidade: não se poderia criar mais absoluto tipo de beleza [...]. Desse modelo era possível tirar tudo. Dele se poderia formar um titã ou um brinquedo. Que desgraça estar tal beleza destinada a fanar-se[...]. Sim, ele procuraria ser junto a Dorian Gray o que, sem o saber, o adolescente era para o pintor, que lhe havia traçado esplêndido retrato. Ele tentaria dominá-lo, como aliás, já havia feito. Faria seu esse ser maravilhoso. Havia qualquer coisa de fascinante nesse filho de Amor e de Morte (WILDE, 2014 p. 48).

Como podemos perceber, Lord Henry fica completamente fascinado com a beleza de Dorian e, sendo assim, decide que vai tê-lo ao seu dispor, para poder

transformá-lo em um deus ou apenas uma marionete. No final da citação, menciona-se o amor e a morte, como se essas duas características fizessem parte da beleza perturbadora com a qual Dorian foi agraciado pelos desígnios da existência.

A dominação de Lorde Henry sobre Dorian é bastante fácil pois ele tem medo da velhice e de perder sua beleza e seu charme. Em uma de suas reflexões o jovem pondera:

Agora sei que quando perdemos os encantos, quaisquer que sejam, perdemos tudo. Tua obra revelou-me isso. Lorde Henry Wotton tem toda a razão. A mocidade é a única coisa de valor. Quando perceber que envelheço, hei de matar-me (WILDE, 2014 p.38).

Tamanha é a vaidade de Dorian e seu apreço à sua beleza e jovialidade que o jovem pensa em até pôr fim à sua vida, caso as perca. Por conseguinte, a influência de Henry aliada à vontade de Dorian torna-se o estopim para a concretização do pacto maligno como o quadro, mesmo Dorian Gray não tendo consciência do acontecido. Patrícia Tenório nos explica sobre essa luta entre os pensamentos intocados de Dorian, sua parte boa e as novas influências, o mal:

Diante do quadro, Dorian se entrega, entrega a própria alma, despertada há pouco do paraíso na Terra para submergir, para mergulhar nas profundezas do Mal. O Mal e o Bem que habitam em si lutam, se contorcem, um e outro querem prevalecer e quebrar o equilíbrio. Ao fazer o pacto, Dorian não tinha consciência de que seus atos iriam ser “impressos” sobre a tela, que o que o equilibrava era conter dentro de seu mesmo eu os dois opostos de forças que se contradiziam, mas no qual o Bem prevalecia. Ao escolher o caminho do Mal sucessivas vezes, este foi se cristalizando, este foi prevalecendo sobre a superfície do quadro [...] (TENORIO, 2013 p. 185)

Ao longo do romance, o mal se destaca dentro de Dorian Gray e suas atitudes serão impressas no quadro como nos explica a autora. Porém, até o momento, o jovem não tem consciência disso. Entretanto, o primeiro sinal de que algo sobrenatural acontece, dá-se após Dorian Gray terminar o breve relacionamento com a Jovem Sibyl Vane. Passada a sua breve paixão, ele a diz com a voz clara e calma que não quer ser mais cruel com ela, mas que não poderia mais tornar a vê-la, que acabara com todas as suas ilusões (WILDE, 2014 p.104). Desta forma, deixando-a devastada, ela acaba com a sua própria vida, como mencionado anteriormente.

Finalmente, a descoberta de que o quadro inicia a sua transformação acontece quando Dorian chega em sua casa e vislumbra o retrato que repousa na

parede de sua sala como se fosse um objeto decorativo, certamente, mais importante que os outros, no entanto, algo surpreendente acontece:

Como ele abrisse o trinco da porta, seus olhares recaíram sobre o retrato pintado por Basil Hallward – o que o fez estremecer de surpresa [...] A expressão revelava-se diferente [...]. A luz palpitante realçava linhas de crueldade em torno daquela boca, como se ele próprio, após haver praticado qualquer coisa horrível, as descobrisse em sua face, num espelho (WILDE, 2014 p.106).

Como podemos notar, a figura retratada no quadro muda de semblante, adquirindo uma expressão cruel. Começa, então, a acontecer o inesperado. A partir de então, toda maldade praticada por Dorian e seu envelhecimento serão perpetuadas no retrato. A título de exemplificação desta macabra transformação, temos a imagem do filme citado anteriormente que mostra essa perpetuação macabra em seu retrato:

Figura 8 O quadro transformado



Fonte: http://lounge.obviousmag.org/por_tras_do_espelho/2014/11/o-que-temos-em-comum-com-o-retrato-de-dorian-gray.html

Nesta imagem, a aparência de Dorian Gray no retrato não só está envelhecida, mas também está com um ar cadavérico, pálido, com feridas em seu rosto mostrando a sua alma verdadeiramente corrompida pelos excessos. Tudo isso originaria do desejo original de se tornar belo e jovem eternamente.

Muitos anos se passam, e Dorian vai se tornando cada vez mais egoísta e mesquinho, sem pensar nas consequências da maldade que ele pratica contra as outras pessoas, pois sabe que mesmo agindo dessa forma, o tempo não o punirá.

Dorian vai deixando para trás o ingênuo jovem pintado por Basil e se transformando cada vez mais na criatura influenciada por Lorde Henry, como nos explica Tenório:

Dorian Gray de tal maneira cristalizou-se em uma só porção de si, de tal maneira paralisou no seu lado obscuro, ele que foi a princípio formado de cor e luz pelas mãos de Basil Hallward preferiu as sombras e o prazer sem limites e medida de Lord Henry (TENORIO, 2013 p.288).

Dorian assume assim seu lado mal, e vive uma vida em busca de prazeres e sem pensar nas consequências. No desenrolar da trama, em um momento de confissão, Dorian resolve revelar seu segredo para Basil Hallward. O pintor se apavora ao ver que sua bela obra se transformou em algo monstruoso, um reflexo da obscura alma do belo Adônis que ele havia criado. Assustado com a reação de Basil e com medo que seu segredo fosse divulgado, Dorian decide matar seu amigo da seguinte forma:

Avançou docemente passando perto de Hallward, chegando atrás deste, apanhou a faca e voltou-se... Hallward fez um movimento, como para levantar-se da poltrona... Dorian saltou sobre ele, enfiou-lhe a faca atrás da orelha, cortando-lhe a carótida, rachando-lhe a cabeça contra a mesa e desferindo-lhe golpes furiosos (WILDE, 2014 p.181).

No trecho acima, vemos que Dorian assassina friamente seu amigo Basil, tal atrocidade é imediatamente refletida no quadro. Dorian percebe que a mão dele usada para assassinar o pintor, mostra-se no quadro, agora suja de sangue: “Que era essa odiosa nódoa rubra, úmida e brilhante, que ele via em uma de suas mãos, como se ela tivesse sido salpicada de sangue?” (WILDE, 2014 p.196). No entanto, o jovem não se deixa perturbar, o único intuito naquele momento é achar uma maneira de livrar-se do corpo, que como citado anteriormente, é feito com a ajuda do futuro suicida Alan Campbell. Depois do assassinato, a vida de Dorian segue seu curso normalmente, mas o seu não envelhecimento é notado por todos que o cercam.

2.5. ARREPENDIMENTO E PUNIÇÃO

Lorde Henry, assim como Basil fazia antes de sua morte, torna-se cada vez mais intrigado com as imutáveis características físicas de Dorian, sendo assim, o questiona:

[...] conta-me baixinho como pudeste conservar a mocidade. Deves guardar qualquer segredo, pois sou mais velho do que tu apenas dez anos, e estou enrugado, gasto, amarelado. Tu és realmente estupendo, Dorian! Nunca estiveste tão belo como esta noite; lembras-te o primeiro dia em que te vi? Eras um pouco cheio e tímido, mas extraordinário. Mudaste, certamente, não na aparência. Bem quisera que me contasses o segredo! Para reaver a juventude, tudo eu faria no mundo (WILDE, 2014 p.243).

Dorian não responde diretamente aos questionamentos de Henry, mas demonstra que mesmo possuindo a eterna juventude não se sente feliz e realizado. A partir de tal conversa, Dorian vislumbra uma possível redenção:

Seria certo que ninguém jamais poderia transformar-se? Então sentiu um ardente desejo de reaver a imaculada pureza de sua adolescência rósea e branca, como uma vez Lorde Henry a definira. Agora se convencera de haver desluzido a alma, corrompido o espírito e criado infernais remorsos; capacitava-se de que tivera sobre os outros uma desastrosa influência e que nisso encontrava um perverso prazer; persuadia-se enfim de que, entre todas as vidas que haviam atravessado a sua e ele havia contaminado, a sua era ainda a mais bela e a mais cheia de promessas (WILDE, 2014 p. 247).

Dorian Gray percebe que fez mal a muitas pessoas, mas que também a si próprio e a sua própria alma. E isso leva-o à melancolia e a questionar também o papel do pacto em sua vida:

Tudo seria irreparável? Não haveria mais esperanças para ele?... Ah! Que tremendo momento de orgulho e de paixão, aquele em que pedira que o retrato assumisse o peso de seus dias, enquanto ele próprio conservasse o esplendor impoluto da eterna mocidade! Toda a sua desgraça vinha daí! Não seria melhor que cada pecado de sua vida já tivesse vindo acompanhado de rápida e segura punição? Há uma purificação no castigo. A prece do homem a um Deus justo, longe de se ser: perdoai os nossos pecados! — Deveria ser: castigai-nos pelas nossas iniquidades! (WILDE, 2014 p. 248).

Dorian Gray sente arrependimento por seus pecados e acredita que deveria ter sido punido por seus atos, que Deus deveria também punir as pessoas, pois se as mesmas pagassem pelo mal cometido haveria uma libertação. Dorian acredita que sua beleza e juventude foram as causadoras de todos infortúnios como fica claro na citação abaixo:

Subitamente, sentiu aversão pela sua beleza e, atirando o espelho ao chão, esmagou os estilhaços sob os pés!.. Era a sua beleza que o havia perdido, essa beleza unida a essa mocidade, pelas quais ele tanto havia rogado. Sim porque, sem essas duas coisas, sua vida poderia ter sido sem mácula. A beleza só lhe fora uma máscara e a mocidade uma burla. Que era esta afinal? Um instante viridente e prematuro, uma frase de humores fúteis, de ideias doentias... Por que a seguira?...A mocidade o perdera (WILDE, 2014 p. 248).

Dorian sente que sem a sua juventude eterna e sua beleza tudo poderia ter sido diferente, pois ele as usou para agir como queria sem nada o afetar, foram justamente elas que o levaram a fazer o pacto com o quadro. Por ter decidido ter uma vida melhor ele acredita que sua nova atitude poderia modificar o quadro de forma reversa, tornando-o menos repulsivo:

Uma vida nova!... Eis o que Dorian desejava; eis o que esperava... Seguramente, ele já a havia iniciado! [...] quis saber se o retrato da câmara fechada experimentaria alguma alteração. Forçosamente, não devia estar tão repelente como havia sido. Talvez, se sua vida se purificava, ele chegasse a limpar do rosto da pintura todo estigma de má paixão! Talvez os estigmas do mal já houvessem desaparecido... Se ele fosse verificar?... Tomou a lâmpada na mesa e subiu... Ao destrancar a porta, um sorriso de júbilo abriu-se-lhe no rosto sempre fresco e demorou-lhe nos lábios... Sim, ele tornar-se-ia bom, e o hediondo objeto que todos ocultava não lhe seria mais um objeto de terror. Dorian teve a sensação de já achar-se desembaraçado de seu fardo. Entrou tranquilamente atrás de si, como costumava fazer-lo, e puxou a cortina de púrpura que encobria o quadro... Um grito de horror e indignação escapou-lhe dos lábios... A não ser um novo brilho de astúcia nos olhos e o aumento das rugas da hipocrisia na boca, nenhuma transfiguração existia!... A figura estava ainda mais abominável do que antes; a nódoa escarlate que cobria a mão parecia ainda mais viva; aí percebia-se o sangue vertido de fresco... Dorian então estremeceu... Seria simplesmente a vaidade que provocara o seu bom ato recente, ou o desejo de uma nova sensação, como lhe sugerira Lorde Henry com um riso de mófa? Ou a necessidade de desempenhar um papel que nos faz produzir coisas mais belas que nós? Ou, talvez, tudo isso junto? Por que motivo a nódoa vermelha se dilatara? Ela parecia ter-se alargado como uma cruciante chaga maligna pelos seus dedos enrugados!... Havia sangue nos pés do retrato como se neles o sangue houvesse gotejado! Havia sangue até na mão que não segurara o cutelo! (WILDE, 2014 p. 249-250).

Como compreendemos do trecho acima, Dorian chegando ao quarto onde mantinha em segredo o quadro para que ninguém mais o visse, percebe que não. O retrato não melhorara a aparência, mas ao contrário estava mais repugnante ainda, sujo de todos seus pecados e maldades, e sua a nódoa de sangue aumentara. Por não ter revertido a transformação em seu retrato, Dorian se questiona se essa vida nova que resolvera levar era um ímpeto verdadeiro ou só mais um desejo de novas sensações. Deste modo, Dorian reflete sobre o assassinato de Basil Hallward, fato que fez o quadro ficar ainda mais repleto de sangue:

Confessar seu crime? Sabia ele o que isto queria dizer — confessar-se? Era entregar-se por si mesmo à morte! Dorian pôs-se de novo a rir... A ideia era inconcebível... Demais, se ele se confessasse, quem nele acreditaria? Não existia o mínimo vestígio do homem assassinado; tudo quanto lhe pertencera estava destruído; ele próprio queimara... Os homens diriam simplesmente que ele enlouquecia... Metê-lo-iam entre grades, se persistisse na sua história... Entretanto, era seu dever confessar-se, sofrer a

vergonha diante de todos e fazer uma expiação pública... Havia um Deus que forçava os homens a contar seus pecados, tanto nessa terra, como no céu. Como quer que fosse, nada poderia purificá-lo antes dele confessar o crime... O crime!... (WILDE, 2014 p. 250).

Dorian se sente culpado e pensa em declarar seu crime. Ele reflete que Deus faz os homens se confessarem, pois, só assim, conseguiriam a absolvição eterna, e acredita que somente fazendo isso ele iria conseguir se redimir de seu ato.

Mas, mesmo com esse arrependimento, Dorian ainda permanece parcialmente indiferente à morte de Basil, no entanto, ele reflete sobre a maneira que se envolveu com uma Jovem chamada Hetty Merton, poupando de sua crueldade preferindo não prejudicá-la, fato que talvez causasse a sua mudança de atitude como vemos a seguir:

A vida de Basil Hallward pouco importava; ele pensava em Hetty Merton, pois era um espelho injusto, esse espelho de sua alma... Vaidade? Curiosidade? Hipocrisia? Não haveria mais nada no seu renunciamento? Ele havia percebido qualquer coisa mais; ao menos, imaginava-o... Mas quem poderia dizê-lo? Não, não houvera mais nada... Por vaidade, ele a havia poupado; por hipocrisia, buscara a máscara da bondade; por curiosidade, havia ensaiado o renunciamento... Agora reconhecia bem tudo isso (WILDE, 2014 p. 250).

Ele percebe que a tratou dessa forma por simples capricho de sua alma, como mais uma encenação e não por bondade absoluta. Por conseguinte, essa atitude mostra novamente sua índole egoísta. Percebendo ser ainda o mesmo, Dorian resolve não mais confessar o assassinato de Basil como é descrito no romance:

Esse assassínio, porém, o perseguiria durante a sua vida inteira? Seria ele sempre subjugado pelo passado? Deveria confessar-se?... Nunca!... Só havia uma prova a erguer-se contra ele. Este era o seu retrato!... Ele o destruiria! Por que o havia guardado tantos anos? Ele próprio se dará ao prazer de ver a sua transformação e a sua velhice. Desde muito tempo, porém abandonara esse prazer [...] Esse retrato fora-lhe como uma consciência. Sim, havia sido a Consciência... Ele o destruiria! (WILDE, 2014 p. 250).

O breve lampejo de humanidade, e seu repentino arrependimento se desfazem, e ele volta a ser o antigo Dorian Gray, por conseguinte, ele resolve destruir o retrato, a única testemunha de seu assassinato e também de toda a sua perversidade:

Dorian olhou ao redor de si e percebeu o punhal com que havia ferido Basil Hallward. Já o havia polido várias vezes, de modo que não existia a menor nódoa. O punhal brilhava... Como havia exterminado o pintor, assim exterminaria sua obra e tudo o que ela significava... Exterminaria o passado, e quando esse passado estivesse morto, ele estaria livre!... Aniquilaria o monstruoso retrato de sua alma e, livre de suas medonhas advertências, recobriria a paz. Apunhalou o quadro! (WILDE, 2014 p. 251).

O quadro era o reflexo de sua soturna existência, nele, além de sua juventude, estavam marcados os seus pecados, tudo que ele fez de ruim ou mal a ele ou a alguém foi desfigurando a sua bela figura retratada na pintura. Deste modo, Dorian resolve destruir essa eterna lembrança de seus erros, apunhalando o quadro, mas algo de inesperado acontece:

Sentiu-se um enorme grito, acompanhado de uma queda!.. Esse grito de agonia foi tão lancinante que os criados, espavoridos, acordaram em sobressalto e saíram de seus quartos! [...] Quando os três entraram, descobriram, suspenso na parede, um esplêndido retrato do patrão, representando-o tal como eles sempre o haviam conhecido, em todo o haviam conhecido, em todo o esplendor de sua estranha juventude e de sua beleza No assoalho, jazia um homem morto, trajado a rigor, com um punhal no coração!... Seu semblante estava macerado, enrugado, repulsivo!... Somente pelos anéis conseguiram reconhecer quem era... (WILDE, 2014 p. 251-252).

No momento em Dorian Gray esfaqueia o seu quadro acontece uma outra transformação, inexplicavelmente é ele quem recebe o punhal no peito, e por consequência, ele morre agonizado no chão. Dessa forma, o pacto maligno, que o fez aproveitar sua vida, eternamente belo e jovem, é revertido e toda a sua podridão, pecados, crimes e envelhecimento recaem sobre ele, finalmente o transformando em um reflexo da sua própria alma, um ser repulsivo. Assim, Tenório explana:

Dorian Gray realiza o paradoxo de tentar destruir sua consciência, de tentar destruir seu próprio retrato, imagem e semelhança de seu espírito, imagem que se “arrepente” e o convida ao arrependimento, ao qual o personagem já não consegue mais. E matando o seu lado feio/bom, mata também seu lado belo/mal, deixando então de existir (TENORIO, 2013 p..288-289).

Vemos, que, desta forma, o romance do escritor Oscar Wilde chega ao seu desfecho. Tudo que o personagem sempre desejou, a beleza e a juventude eterna se vão no momento em que o duplo de Narciso resolve destruir as provas de seus crimes. Ao esfaquear o seu místico quadro, o jovem não comete um assassinio e sim um suicídio pois todo o mal que ele fez para si e para todos ao seu redor se voltam para o agora não mais belo e jovem e sim repugnante e sucumbido Dorian Gray.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao final deste trabalho de conclusão de curso, podemos analisar se as nossas perguntas e objetivos foram alcançados. Podemos, assim, considerar que a beleza e a juventude, que é o tema central de nosso trabalho, são valorizadas e adoradas desde os tempos mais antigos, como Grécia e Roma, entretanto, de forma excessiva, pode ser prejudicial, como percebemos em Narciso que se apaixonou por sua própria beleza e definhou até a morte, e, assim, no romance de Wilde, Sibyl Vane que sem ser correspondida por seu belo e jovem Dorian Gray resolve terminar com sua própria vida.

Essa busca pela beleza é vista de forma exagerada pelos nossos personagens, principalmente, por Lorde Henry Wotton que, além disso, valoriza os prazeres e frivolidades da vida, que, por conseguinte, causam uma influência negativa em Dorian Gray, a quem desperta o desejo pela eterna juventude e beleza. Tal desejo invoca um pacto inconsciente com o seu retrato, que o faz ficar para sempre intocado, permanecendo perpetuamente jovem e belo. Ao contrário do quadro que envelheceu em seu lugar.

Essa eterna beleza despertou em Dorian Gray uma busca desmedida pelos prazeres, não pensando nas outras pessoas, causando, assim, mal a elas. Entretanto, nada de ruim caiu sobre o nosso personagem, e sim, ficaram marcas terríveis em sua imagem no quadro, fazendo, desta forma, com que Dorian pudesse viver sem ser punido por seus atos. Deste modo, causou mais infortúnios, decepções e inclusive mortes para as pessoas com quem ele se relacionou.

Porém, pudemos analisar que essa vida de exageros causou melancolia e solidão para o eterno jovial Dorian Gray, fazendo com que o mesmo se arrependesse, mesmo que por um breve período e tentado se redimir por ter causado mal a ele e ao próximo. Tentando destruir seu quadro, prova de seus crimes, que funcionava como um espelho que refletia a soturna alma de Dorian Gray. Ele acaba destruindo a si próprio, acabando com a sua vida.

Ao fim desse trabalho, podemos considerar que mesmo a beleza e a juventude podendo ser consideradas maravilhosas, entretanto, aliadas ao exagero e a busca insaciável de prazeres, podem trazer consequências nefastas para quem as

buscam e valorizam. Tendo, que, em algum momento, pesar a consciência e buscar um arrependimento e humildade.

Consideramos, finalmente, que Dorian Gray por, exageradamente, buscar a beleza e a juventude causou mal aos seus próximos, pois ele não soube lidar com sua parte má, fazendo-a prevalecer sobre seu lado bom. Deste modo, Dorian perde seu equilíbrio humano e se torna nocivo, se comparando, desta forma, ao próprio Diabo que perde o paraíso por buscar sempre mais poder. Por consequência, ambos caem em desgraça, tendo, assim, que pagar por seus atos e pecados. Entretanto, assim como em Dorian Gray e no seu criador Oscar Wilde, podemos ainda ver traços de humanidade e bondade, pois existe neles arrependimento e humildade já em Lúcifer não há redenção.

REFERÊNCIAS

- ADÔNIS. Disponível em <<http://www.infoescola.com/mitologia-grega/adonis/>>. Acesso em: 12 de jul. de 2016.
- BARBO, Daniel. **Balzac, Wilde e a cultura grega: construções literárias de identidades homoeróticas no século XIX**. Temporalidades - Revista Discente do Programa de Pós-graduação em História da UFMG, vol. 2, n.º 1, Janeiro/Julho de 2010.
- BÍBLIA. Português. **Nova bíblia pastoral**. Trad. De Antonio Carlos Frizzo, Donizete Scardelai, José Ademar Kaefer, Luiz Gonzaga do Prado. São Paulo: PAULUS, 2014.
- BRANDINI, Valéria. Moda, cultura de consumo e modernidade no século XIX. **Revista signos do consumo**, São Paulo, V.1, n.1, p. 74 -101, 2009
- BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 1996.
- ECO, Umberto. (Org.). **História da beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. 4. Ed. Rio de Janeiro:, 2014, 438p.
- ENCICLOPÉDIA Mitologia. São Paulo: Abril cultural, 1976.
- ENDSJO, Dag. **O sexo e a religião: do baile das virgens ao sexo sagrado homossexual**. Tradução de Leonardo Pinto. São Paulo: Geração Editorial, 2014.
- GONÇALVES, Alcione. O fenômeno do duplo em o Retrato de Dorian gray, de Oscar Wilde. **RevLet – Revista Virtual de Letras**, v. 04, nº 01, jan./jul, 2012
- HOLLAND, Merlin. **O album de Oscar Wilde**. Tradução de Marcelo Rollemberg. Civilização Brasileira, Rio de Janeiro, 2000.
- JESUS, Paulo de. **Narciso acha feio o que não é espelho: selfie e narcisismo, uma busca pelo eu**. In: Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação, 18., 2010, Rio de Janeiro, Anais..., Rio de Janeiro. Intercom.
- KERA, Steven; MUTRAN, Munira. **O Teatro Inglês da idade média até Shakespeare**. São Paulo: Global, 1988, 185 p.
- O RETRATO de Dorian Gray. Direção: Oliver Parker. Inglaterra: UK Film Council, 2009. (112min.): Color. Inglês.
- RODRIGUES, Kelen. O ethos discursivo: uma análise por meio de seus traços na personagem Lord Henry no romance The picture of Dorian Gray, de Oscar Wilde. **Revista (Con) Textos Linguísticos**, 2014, v. 8, n. 10. Disponível em : <www.periodicos.ufes.br/contextoslinguisticos/article/view/7350> Acesso em 22 out. 2016.

ROMERO, Sheila. **A introdução da Philía nas relações homoeróticas entre Erastês e Erômenos nas obras simpóticas de Platão e Xenofonte.** Revista Espaço Acadêmico, nº 95, abril de 2009.

TENORIO, Patrícia. *O Retrato de Dorian Gray: a luta entre o Bem e o Mal no romance de Oscar Wilde e na pintura de Ivan Le Lorraine Albright.* **Intersemiose| Revista Digital**, ANO II, n. 03 Jan/Jun 2013

WILDE, Oscar. **De profundis.** Tradução de Júlia Tettamanzy. Porto Alegre, 1982, 117 p.

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray.** 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014, 262 p.

APÊNDICE A
PAPER

THE EXALTATION OF BEAUTY AND YOUTH IN DORIAN GRAY'S PORTRAIT: VAIN AND DESTRUCTION

Luiz Antônio Pereira Lima Neto

Graduate in Letters Major in English Language at the Federal University of Pará State. Campus CUNTINS / Cametá. Directed by Prof. Dr. Dante Luiz de Lima

ABSTRACT

The aim of this work is to question how the vanity and appreciation of beauty and youth move the main characters in Oscar Wilde's *The Portrait of Dorian Gray* (2014). We analyze in this work how Dorian Gray is influenced by the personages of the plot, with whom apparently they have homoafetivos platonic relationships. They are: the painter of his portrait, Basil Hallward and the aristocrat Lord Henry Wotton, who encourages him to exalt and enhance beauty and youth, so Dorian makes a pact with occult forces, so that his frame ages in his Place and receive the marks of their cruel acts. Not being punished for his actions the young man lives a life of excesses and pleasures that cause consequences for himself, for at one point he feels sorry, on the other hand, they also affect the people around him because many of them end up desolate, abandoned and Even dead. For this analysis we also conceptualize how beauty and youth are seen in the mythology of ancient Greece and Rome and in Victorian England, period when of the novel occurs.

Keywords: Dorian Gray; Oscar Wilde; Beauty; Vanity; Punishment.

INTRODUCTION

The paper aims to answer, how beauty and youth is seen within the novel *The Portrait of Dorian Gray* (2014) by the Irish writer Oscar Wilde? What does the excessive pursuit of beauty, youth, and pleasures can cause evil to those who idealize it and to those affected by this quest? What does this desire for Dorian Gray always remain young and beautiful can cause to himself and his acquaintances? And what is the regret of our character?

We have as main objective to analyze the novel *The portrait of Dorian Gray* (2014) and to reflect on the appreciation of the beauty and youth of its

characters and what the consequences of a life of exaggeration. For this we analyze how masculine beauty and youth is idolized and valued at certain periods of history. It is important to reflect on the consequences we can cause in seeking unreasonable pleasures.

CHAPTER 1

1. VANITY: WORSHIP AND DESIRE OF BEAUTY AND YOUTH THROUGH TIMES

As the purpose of this paper is to investigate the impact of beauty and vanity on the novel *The portrait of Dorian Gray* (2014) we find pertinent in this first chapter to evidence the association between goodness and beauty and ugliness with perversity, for this we will avail ourselves of the biblical characters Jesus and the Devil. We will also talk about the importance of beauty in ancient Greece and its mythology, not only, but mainly in the homoerotic relations between older men, who were succumbed mainly to the beauty of the younger ones. Oscar Wilde's novel also runs down this path, certainly more subtly, because it was written in a rather conservative age, in which, before the law, homosexual relationships were liable to imprisonment.

We will also discuss Dandism, one of the features of vanity. We will also discuss hedonism, the pursuit of pleasures, and their relationships with the author of the novel. We will finish the chapter analyzing the relationship between characters Dorian Gray, Basil Hallward and Lord Henry Wotton with the writer Oscar Wilde in order to analyze the autobiographical relationship present in the work.

1.1. WHO LOVES THE UGLY, PRETY SEEMS TO HIM

Due to the fact that the central theme of our work is beauty and vanity, we think it important in this topic to conceptualize the beautiful word, for that we use the quotation from Umberto Eco, taken from the book *History of Beauty* (2014):

"Beautiful" - along with "graceful", "beautiful" or "sublime", "wonderful", "superb" and similar expressions - is an adjective we often use to indicate something we like. It seems that in that sense, that which is beautiful is equal to that which is good, and in fact, in several historical epochs a close bond was created between the Beautiful and the Good (ECO, 2014, p. 9).

According to the definition given by Eco, beautiful can be used to relate to what pleases us, also to something good. Usually when we praise someone's personality we say that she is beautiful. In this case we use an adjective usually related to the physical for something not concrete, to describe the nature, in this way we relate feelings that please us to beauty.

Starting from this same principle, we refer to the biblical character Jesus Christ, who despite being known to us as a beautiful person, was defined in the bible as a man without great attractions, as we see in the quote from the New Pastoral Bible (2015): " He had neither appearance nor beauty to attract our gaze, nor sympathy that we might enjoy him "(Is 53: 2-3). Although Jesus was not described as a beautiful person, because he was a good person, and perhaps to attract more followers, he was later portrayed by the great majority of artists with great beauty, usually blond and blue-eyed, so a feature that pleases The majority of people, therefore, the beautiful was related to the good.

In contrast we make the association of ugliness with something bad, to which we dislike. So we will use as an example the biblical character, the Devil, who is usually imagined by people as an ugly and evil-related creature. However he is described in the scriptures as being the most beautiful angel in heaven, as narrated in the book of Ezekiel:

Thus says the Lord Yahweh: You were a model of perfection, full of wisdom and perfect beauty. You lived in Eden in the garden of God, covered with precious stones of all kinds: ruby, topaz, diamond, chrysolite, carnelian, jasper, lapis lazuli, turquoise, and beryl. And his jewels and pendants were made of gold. All this had been prepared for him since the day of his creation. I made you an open wing protector. You stood on the high mountain of God, walking among stones of fire. Since he was created, you were perfect in all his steps, until the wickedness was found in you (Ez 28: 12-15).

We realize that it is defined as being perfect, beautiful and adorned with jewels, unlike the horrendous and evil figure we know today. By being cast out of heaven Satan had his description reversed by humans, becoming, as he is known to us, a monstrous and repugnant. Because it was related to wickedness the devil was over the centuries acquiring ghastly features, becoming increasingly feared and disowned by most humans. On the other hand Jesus Christ, quoted earlier, for being good became attractive and is worshiped and loved.

1.2 BEAUTY IN MYTHOLOGY

Male beauty, which is the theme of our work, is also revered in ancient Greece, to understand better, we select an excerpt from Dag Onstein's book, *Sex and Religion* (2014): "Zeus fell so fond of young Ganymede that he took him to Olympus. Apollo was hopelessly in love with the beautiful hyacinth, and a rejuvenated Pelopidas was attracted to a jealous Possididom "(ENDSJO, 2014, p. 162). In this excerpt are mentioned some cases of links between Divine and mortal, but we will highlight Ganymede, who was a prince, whose beautiful attractions seduced the supreme God, Zeus, causing it to descend from Olympus in the form of an eagle, to the kdinap and had him in full flight.

1.3 MALE VAIN AND PLEASURE: DANDISM AND HEDONISM

We will start this topic by conceptualizing the vanity that according to the Portuguese Minidicação da Silveira Bueno (1996) means: "S.f. Exaggerated desire to attract admiration or the homages of others; Ostentation presumption; futility; Pride "(668). Even though many centuries have passed since ancient Greece, it is these characteristics of the vain man who cares about the appearance and the gaze of the other who reign in the male society of eighteenth-century England as Brandini explains:

Until the eighteenth century, in Europe, the acceptance of licentious aristocratic behavior - in which men of higher hierarchical classes were sexually related to male and female partners (especially in England). Organized the masculine universe around the splendor of the image of man - its importance was greater the greater the ostentation in his dress (BANDRINI, 2009 p.77-78).

So we realized that bisexuality and concern for the way men dress were accepted by society, especially in England, and this was linked to social status, so that lower-class men could stand out and feel more important They mirrored themselves in the men of power, and so they tried to dress exaggeratedly and even imitated them in their sexual habits.

CHAPTER 2

2. THE BEAUTY AND THEIR CURSE IN THE PORTRAIT OF DORIAN GRAY

2.1. THE SEDUCTIVE AND PERVERSE BEAUTY OF DORIAN GRAY

Dorian serves as a model for a portrait that Basil is painting, such a task develops in the painter an enchantment by the inspiring muse. At the beginning of Wilde's novel, Lord Henry questions Basil about the young model:

[...] Let's talk about Mr. Dorian Gray. Have you seen him many times?
 - Every day. I would not feel happy if I did not see him every day. He is absolutely necessary to me.
 - You're curious! I assumed you did not take care of anything but your art ...
 - He is now all my art [...] (WILDE, 2014, 21).

In the novel, Lord Henry in describing Dorian Gray, says that it resembles a combination of ivory and rose leaves, it is worth remembering that ivory is white and without imperfections, the rose leaves are soft and velvety, so Dorian becomes the archetype The beauty longed for by many. Lord Henry also compares it to the mythological character Adonis.

2.2. HIDDEN FORCES AND LORD HENRY

The great villain of the story seems to be Lord Henry, he may, perhaps, function within the plot as the evil creature who as previously mentioned influences Dorian to cling to the futile values of worship of beauty, idolatry of youth and pleasures of life.

Basil knows the nature of his friend and fears that he will influence Dorian Gray, and that he misses him, begs him not to ruin him, so he asks Lord Henry not to smear him and not influence him with his ideas:

[...] Do not spoil him; Not the impressions; Your influence would be pernicious. The world is big with interesting people. You did not subtract me from the one person who lends to my art the charm it can possess; My artist life depends on it. Pay attention, Harry, I beg you (WILDE, 2014, 26).

Dorian finds interesting the ideas of Lord Henry, and for being unknown he wants to know more about this possible bad influence. Henry points out that beauty, as for all of us, will also pass to Dorian Gray. Motivated by this great will and vanity, even without his knowledge, a kind of covenant with hidden forces seems to be done, in which the desire to remain always young and beautiful is attended to, will be his picture that will feel the weight of time and Not Dorian Gray.

2.3. THE "DIABOLIC" PACT

Faust makes a blood covenant with a supernatural creature, Mephistopheles, who is sent by the devil. In the case of Dorian Gray we believe that it is Lord Henry who awakens the dark desires of the young man and also delights in knowing that he can manipulate it, as shown in the following section:

It is that this adolescent, casually found in Basil's atelier, was a wonderful specimen of mankind: one could not create a more absolute type of beauty [...].He would try to dominate him, as he had already done. It would make her this wonderful being. There was something fascinating about this son of Love and Death (WILDE, 2014 page 48).

Consequently the influence of Henry allied to the will of Dorian becomes the trigger for the accomplishment of the evil pact like the picture, even Dorian Gray not being aware of the happened thing. Patricia Tenório explains about this struggle between the untouched thoughts of Dorian, his good part and the new influences, evil:

In front of the picture, Dorian surrenders, surrendering his own soul, awakened just from paradise on Earth to submerge, to plunge into the depths of Evil. Evil and Good that inhabit themselves struggle, squirm, and want to prevail and Break the balance. In making the pact, Dorian was not aware that his actions would be "printed" on the canvas, that what balanced him was to contain within his self the two opposites of opposing forces, but in which the Good prevailed. In choosing the path of Evil successively, it was crystallizing, this was prevailing on the surface of the picture [...] (TENORIO, 2013 p. 185)

Finally the discovery that the painting begins its transformation happens when Dorian arrives at his house and glimpses the portrait that rests on the wall of his room as if it were a decorative object, certainly more important than others, however ordinary, however, something surprising happens:

As he opened the door-latch, his eyes fell on the portrait painted by Basil Hallward-which made him shudder in surprise... The expression was different... The throbbing light highlighted lines of cruelty around that mouth, as if he, after having practiced anything horrible, discovered them in his face, in a mirror (WILDE, 2014 p. 106).

As we can see the figure portrayed in the picture changes his countenance, acquiring a cruel expression. Then begins the unexpected, from then on all evil practiced by Dorian will be perpetuated in the portrait.

Dorian thus takes his evil side, and lives a life in search of pleasures and without thinking of the consequences. In the unfolding of the plot, in a moment of confession, Dorian decides to reveal his secret to Basil Hallward, frightened by Basil's reaction and fear that his secret would be disclosed, Dorian decides to kill his friend Basil, such an atrocity is immediately reflected in the picture. Dorian realizes that his hand used to assassinate the painter shows in the now bloody picture: "What was this odious ruby, damp and shiny, which he saw in one of his hands, as if it had been splashed with Blood? "(WILDE, 2014 p.196). However, the young man is not disturbed, the only intention at that moment is to find a way to get rid of the body, is made with the help of the future suicide Alan Campbell. After the murder, Dorian's life follows its course normally, but its non-aging is noticed by everyone who surrounds it.

2.4. REGRET AND PUNISHMENT

The picture was the reflection of his gloomy existence, in him, besides his youth, were marked his sins, everything he did bad or bad to him or someone was disfiguring his beautiful figure portrayed in the painting. In this way Dorian decides to destroy this eternal memory of his mistakes, stabbing the picture but another transformation happens, it is he who receives the dagger in the chest killing him, in this way the pact is reversed and all its rot, sins and crimes and aging fall away Over him, turning him into a reflection of his own soul, a repulsive being. So Tenorio explains:

Dorian Gray realizes the paradox of trying to destroy his conscience, of trying to destroy his own portrait, image and likeness of his spirit, an image that "repents" and invites him to repentance, to which the character can no longer. And by killing its ugly / good side, it also kills its beautiful / evil side, then ceasing to exist (TENORIO, 2013 p..288-289).

We see that In this way the romance of the writer Oscar Wilde comes to its end, everything that the character has always wanted, the beauty and the eternal youth are gone the moment the double Narcissus decides to destroy the evidence of his crimes. In stabbing his mystical picture, the young man does not commit a murder but a suicide because all the evil he did for himself and everyone around him turns to the now no more beautiful and young, but disgusting and succumbed Dorian Gray.

FINAL CONSIDERATIONS

At the end of this work we can consider that even beauty and youth can be considered wonderful, however, allied with exaggeration and insatiable search for pleasures can have harmful consequences for those who seek and value them, having to at some moment weigh conscience and seek A repentance and humility.

We finally consider that Dorian Gray by exaggeratingly seeking beauty and youth, and in this way, causing harm to his neighbors, he did not know how to deal with his bad part, making him prevail on his good side, thus Dorian loses his human balance and becomes animal , As well as the devil himself who loses paradise for ever more power, therefore both fall into disgrace having to pay for their acts and sins. However, just as Dorian and his creator Oscar Wilde, we can still see humanity and goodness because there is in them repentance and humility.

REFERENCES

BÍBLIA. Português. **Nova bíblia pastoral**. Trad. De Antonio Carlos Frizzo, Donizete Scardelai, José Ademar Kaefer, Luiz Gonzaga do Prado .São Paulo: PAULUS, 2014.

BUENO, Silveira. Minidicionário da língua portuguesa. São Paulo: FTD, 1996.

ECO, Umberto. (Org.). **História da beleza**. Tradução de Eliana Aguiar. 4. Ed. Rio de Janeiro:, 2014, 438p.

ENDSJO, Dag. **O sexo e a religião**: do baile das virgens ao sexo sagrado homossexual. Tradução de Leonardo Pinto. São Paulo: Geração Editorial, 2014.

TENORIO, Patrícia. *O Retrato de Dorian Gray*: a luta entre o Bem e o Mal no romance de Oscar Wilde e na pintura de Ivan Le Lorraine Albright. **Intersemiose| Revista Digital**, ANO II, n. 03 Jan/Jun 2013

WILDE, Oscar. **O retrato de Dorian Gray**. 2. ed. São Paulo: Martin Claret, 2014, 262 p